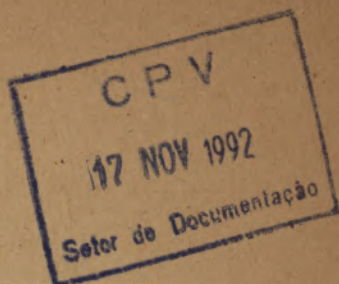


meio amb

descobrimos em nós e contando agora

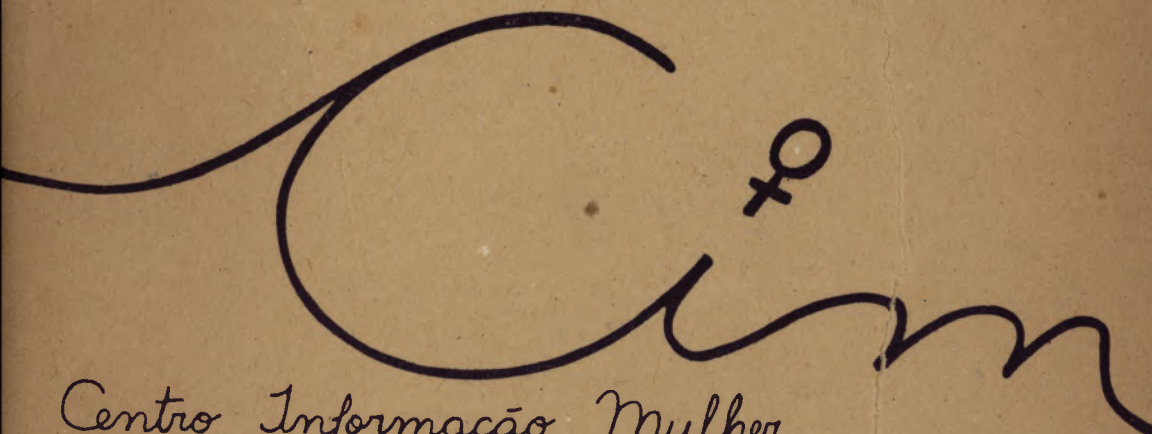


**INFORMATIVO  
MULHER  
E MEIO AMBIENTE**

---

AGOSTO / SETEMBRO 1992

**6**



Centro Informação Mulher

The logo consists of a large, flowing, cursive line that forms a shape resembling a stylized 'C' or 'M'. A female symbol (a circle with a vertical line and a horizontal line) is integrated into the upper right part of the line.

**INFORMATIVO  
MULHER  
E MEIO AMBIENTE**

---

AGOSTO / SETEMBRO 1992

**6**

# ÍNDICE

## Editorial

Os Grandes Temas Discutidos no Planeta Fêmea

Tratado das ONGs sobre População, Meio Ambiente e Desenvolvimento

I Seminário de Avaliação sobre a Participação do Movimento de Mulheres de São Paulo na ECO-92

Rosiska Darcy de Oliveira faz um primeiro balanço sobre o Planeta Fêmea

O Encontro Internacional das ONGs

Compromisso Ético das ONGs para uma Atitude e Conduta Ecológica Global

A Participação das Trabalhadoras Rurais na ECO-92

Acontecendo no Movimento de Mulheres...

- \* O Café Feminista das Quartas Feiras
- \* Feminista Americana Visita o CIM
- \* Eco Feminino no "Fala Mulher"
- \* Vídeos e Publicações Recentes
- \* Informe sobre a Rede Latino Americana contra a Violência Sexual e Doméstica



Este **informativo** é uma publicação da equipe que compõe o Programa "Mulher e Meio Ambiente" do CIM: Denise Brouillard, Maria Margaret Lopes, Sonia Alves Calió, Sonia Gayotto e Suzana Maranhão.

Coordenação Editorial: Sonia Alves Calió

Editoração Eletrônica: Valter Ponte

Ilustrações: Forsanetti (in: Beaux Arts, set 1981)

Apoio Financeiro: ICCO.

## EDITORIAL

Com este Boletim nº6, chega ao fim a primeira etapa do Programa "Mulher e Meio Ambiente" do CIM: a de divulgar os documentos e principais iniciativas das mulheres para a ECO-92. Inúmeras cartas recebidas por nós, confirmaram a importância dessa publicação como suporte de informação para uma melhor participação das mulheres durante esse grande evento internacional.

Neste número apresentamos, então, um balanço inicial do que significou o PLANETA FEMEA e a ECO-92 para o movimento de mulheres, através:

- \* da entrevista com Rosiska Darcy de Oliveira, representante da Coalizão de Mulheres Brasileiras no Fórum Global, de avaliação do Planeta Fêmea;

- \* do resumo de algumas das questões mais importantes que vieram à tona nos diferentes painéis de discussão ocorridos na Tenda das mulheres;

- \* do informe a respeito do "I Seminário de Avaliação sobre a Participação do Movimento de Mulheres de São Paulo na ECO-92", promovido, em julho desse ano, pelo Programa "Mulher e Meio Ambiente" do CIM;

- \* da publicação, na íntegra, do Tratado sobre População, aprovado, conjuntamente, pelo movimento de mulheres e pelos ambientalistas;

Outro artigo informa sobre as atividades ocorridas, durante o Fórum Global, no Encontro Internacional das ONGs que reuniu - em torno das questões sobre meio ambiente, desenvolvimento e relações internacionais - cerca de 1.300 entidades, e culminou com a assinatura do documento "Compromisso



Ético das ONGs para uma Atitude e Conduta Ecológica Global", aqui também publicado na sua íntegra.

E, por fim, o artigo enviado pelas trabalhadoras rurais, a respeito de sua participação na ECO-92.

Gostaríamos de informar também que a publicação final que o CIM está preparando juntamente com a Comissão Organizadora do Planeta Femea, deverá estar pronta em outubro próximo, e será uma espécie de livro-testemunho do que foi esse importantíssimo evento das mulheres, o PLANETA FEMEA.

Esperamos ter contribuído, ao longo desse um ano e meio de publicação do nosso Boletim, para a disseminação da informação sobre a questão "mulher e meio ambiente", tão importante atualmente para o movimento de mulheres.

Daqui para frente - com a ressalva de que aguardamos apoio financeiro para a continuidade desse projeto de comunicação - um novo Boletim, agora intitulado, "Mulher, Meio Ambiente, Desenvolvimento e População" deverá cumprir a função de divulgar todas as discussões e informações referentes à Conferência Mundial sobre População e Desenvolvimento, prevista para 1994 e também à Conferência de balanço de 10 anos de Nairóbi, em 1995.

Alguns agradecimentos se fazem absolutamente necessários. Em primeiro lugar, aos grupos feministas que avalizaram nosso Programa "Mulher e Meio Ambiente": o Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, a ECOS, o Geledés, a União de Mulheres. Em segundo lugar, à ICCO, pelo apoio financeiro oferecido e, sem o qual, dificilmente levaríamos à frente esse trabalho.

*Equipe do Programa "MULHER e MEIO AMBIENTE"*  
*agosto de 1992*

# OS GRANDES TEMAS DISCUTIDOS NO PLANETA FEMEA

**Fórum Global**  
**Rio de Janeiro, 3 a 12 de junho de 1992**

## INTRODUÇÃO

Dentro da Programação Geral do Fórum Global foi idealizado e organizado o "Planeta Fêmea". Um espaço especial, montado pela Coalizão de Mulheres Brasileiras. Durante 12 dias, as mulheres tiveram oportunidade de discutir os problemas transcendentais vividos atualmente no Planeta Terra.

A programação do PLANETA FÊMEA incluiu múltiplas atividades: 12 painéis, 28 oficinas, work-shops, apresentados pelos diversos grupos e redes participantes. Do programa constou, também, uma parte cultural que foi a "Celebração da Esperança" na Praia do Leme: uma noite de vigília "pela esperança" com cantos e danças. Tivemos ainda, a apresentação da Missa Fêmea, além da organização de múltiplas mostras de vídeos, shows, sem falar nos "stands" organizados por mulheres do Terceiro Mundo para distribuição e venda de materiais e artesanato. Participaram desses eventos 1.500 mulheres fixas e umas 3.000 volantes que circulavam no espaço vindas de outras tendas.

## **OS PAINÉIS: qualidade e conteúdo nas discussões**

Resumiremos aqui alguma s das questões que vieram à tona nos diferentes painéis coordenados, a cada dia, por uma Rede Feminista de um país diferente, conforme programação prévia.

3 de junho de 1992

### **Tema: Solidariedade e Diversidade**

Coord: WEED Foundation/NGONET, Canadá

Falou-se da precariedade das condições de vida nos países do Terceiro Mundo (saúde, educação, habitação, saneamento básico, etc.), por conta do



pagamento de uma dívida externa já suficientemente paga, da entrega de matérias primas, da exploração da mão de obra barata, dos juros extorsivos e de outros sacrifícios feitos por esses povos. Quanto mais se paga mais se deve e quanto mais se deve mais se sofre.

As mulheres são as que mais sofrem com essa crise. São super exploradas nos locais de trabalho como mão de obra barata, enfrentam a dupla jornada que as envelhece precocemente, além de outros tipos de exploração no campo sexual (turismo sexual, por ex.).

Tirou-se a proposta de realizar campanhas contra a dívida externa, tendo como palavra de ordem central: "Não pagamento da dívida que já foi suficientemente paga".

6 de Junho de 1992

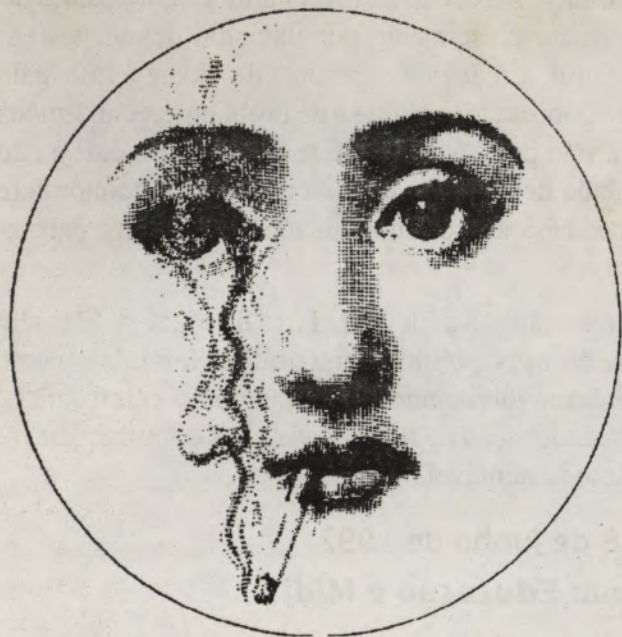
### **Tema: Política de População, Saúde e Meio Ambiente**

Coord: Coalizão de Mulheres Brasileiras

Esse tema foi o centro dos debates no "PLANETA FÊMEA", caracterizado por sua complexidade e contradições evidentes. De um lado, tivemos uma maioria que se pronunciou vigorosamente contra o chamado "controle de natalidade", traduzido por controle do corpo feminino, pelo autoritarismo governamental e pela tese de que na raiz de nossa pobreza está o desequilíbrio criado entre as reservas alimentares disponíveis, e o número de bocas para alimentar, vestir, dar cultura, etc. Ou seja, a idéia de que o crescimento populacional é a causa do sub-desenvolvimento. Foi colocada também a questão de que em muitos países onde se investiu no controle da natalidade, o problema demográfico não ficou resolvido. Essa maioria concluiu que "a questão populacional é um elemento importante a ser considerado, mas não é o elemento principal". Acreditando que basta dizer não ao controle populacional proposto pelos países desenvolvidos e tudo está resolvido, essa posição não abriu às mulheres nenhuma tática positiva, além do simples NÃO.

Por isso mesmo, outras mulheres e organizações presentes se colocaram em posições diferentes. Disseram NÃO ao "controle de natalidade" mas consideraram que, embora não sendo a questão populacional o elemento principal para garantir o desenvolvimento de um país, ele é um elemento





importante que deve ser considerado quando se pensa em equilíbrio ecológico. Não há dúvidas de que a miséria também polui. Este é um fato concreto. É por isso as mulheres têm que pensar um projeto demográfico feminista, de caráter democrático.

Sabe-se que, à medida em que os povos gozem de melhor qualidade de vida, o planejamento familiar certamente

ocorrerá. Um planejamento que repouse na tese da "liberdade de escolha" da mulher e do casal a respeito do tamanho de sua prole. Para que o direito de "livre escolha" seja exercido, devem ser oferecidas condições reais de assistência à saúde da mulher. Ou seja, para as que desejam filhos, oferecimento de assistência antes, durante e depois do parto, maternidades, escolas, centros pediátricos para assistência do bebê, métodos fertilizadores a baixo preço, etc. Para as que não desejam, oferecimento de um amplo leque de anticoncepcionais seguros, acesso às informações e também ao aborto. Em suma: respeito aos "direitos reprodutivos", assistência à saúde de mulher em todas as fases de sua vida, melhor qualidade de vida, são pontos essenciais no estabelecimento de um equilíbrio ecológico entre população e recursos existentes.

Muito importante foi a intervenção de Elza Berquó que situou o problema de modo global, considerando a população do Norte, onde o alto nível de vida provocou queda e envelhecimento populacional, de tal forma que hoje se pensa em criar uma população estável à base do estímulo à

emigração, selecionada por raça, sexo, classe, nível cultural. E os países do Sul, cujos índices de queda no crescimento populacional devem-se, em parte, à morte materno-infantil, à reduzida esperança de vida e à queda da fecundidade, em virtude da pobreza, da miséria e de problemas econômicos de todo o tipo. Logo, a questão populacional difere de país para país e não pode ser tratada desvinculada de assuntos como: crescimento econômico; sobrevivência; necessidades básicas; sustentabilidade econômica e participação política das massas

Em síntese: as mulheres não são as depredadoras do Planeta. Elas têm interesse na apresentação de uma política demográfica feminista como colaboração a um tipo de desenvolvimento que tenha como centro, não o controle populacional, mas a elevação do nível de vida das criaturas através de um desenvolvimento auto sustentável.

8 de Junho de 1992

### **Tema: Educação e Mídia**

Coord: ICAE - Conselho Internacional para a Educação dos Adultos

O mundo só mudará com a mudança de mentalidade. Somente a criação de novos valores e novos comportamentos permitirão novos relacionamentos entre o homem e a mulher na produção e reprodução e novas relações entre os seres humanos e a natureza. A questão educacional abarca uma temática múltipla e variada: mulher e educação; meio ambiente e educação ambiental; educação para adultos; educação para a paz; educação para os direitos humanos; educação popular; educação para a democracia.

O trabalho educacional conscientizará os povos para que se sintam fortalecidos e tomem decisões a partir de seu local de vivência (é de extrema importância, por exemplo, a educação dentro das comunidades, entre as mulheres das regiões agrícolas). Essa educação deve levar os povos a conhecer o espaço no qual vivem e a retirar dele tudo o que for possível para a melhoria de sua qualidade de vida, renovando o que for renovável e buscando sucedâneos para o não renovável, sem ferir o meio ambiente.

A educação ambiental deve atingir, prioritariamente, as crianças, preparando-as para o respeito à paz, à democracia, aos direitos humanos e



à diversidade de culturas.

Em síntese: o trabalho educacional deve ser estimulado para que os povos se conscientizem e possam buscar o seu próprio caminho.

10 de Junho de 1992

## **Tema: Militarismo e Meio Ambiente**

Coord: WEDO, EUA

Se alteramos o curso de um rio, tudo o que o cerca será alterado: as águas do rio virarão chuvas, que provocarão desabamentos, que causarão mortes. Tudo que nos rodeia faz parte de um mesmo cosmos onde todos os fenômenos são interdependentes.

Para se manter, o patriarcado utiliza variadas formas de violência, que o digam as mulheres e a natureza, suas maiores vítimas. As mulheres, universalmente vítimas de estupro; as chinezas tiveram seus pés massacrados em sapatos de ferro; as africanas, suas vulvas mutiladas; as européias e algumas latino-americanas, a pretexto de praticarem bruxaria, foram queimadas vivas em fogueiras pela Santa Inquisição.

E a natureza? Teve suas florestas queimadas e devastadas; suas terras férteis transformadas em desertos; suas entranhas devassadas até a exaustão na busca do ouro, da prata, das pedras preciosas; o seu ar e suas águas contaminadas e seus peixes, aves e espécies animais, se não foram degeneradas geneticamente entraram, no mínimo, em processo de extinção.

Tais crimes foram sendo assimilados pela humanidade, até que se transformaram em costumes. O militarismo e as guerras são parte desse domínio absoluto do patriarcado através da coerção e da violência.

Brinquedos de guerra permeiam a mente de crianças. A "guerra nas estrelas" alimenta a fantasia dos adolescentes. A farda, a pistola automática, os punhos cerrados e os símbolos (a exemplo da suástica) estimulam as atividades guerreiras.

O militarismo transforma máquinas que devem ser usadas para produzir bens de consumo, em máquinas que fabricam armas. Produzem venenos que dizimam a humanidade: armas, produtos químicos, tóxicos, radiações nucleares. Perfuram a camada de ozônio com seus aviões super-



sônicos. Ocupam territórios, desabrigam povos que são obrigados a emigrar para outros territórios. Forçam os países do Terceiro Mundo a incrementar a corrida armamentista, onerando os orçamentos dos países subdesenvolvidos em detrimento de sua qualidade de vida.

O militarismo contamina os seres humanos e a natureza. Destrói o meio ambiente; compromete a condição genética das futuras gerações; cria novos tipos de doenças que atacam o corpo (câncer de pele) e o tecido cerebral. Por sua vez, as radiações atômicas influem no tecido das placentas das mulheres grávidas e provocam nascimentos prematuros, defeitos genéticos nos fetos, abortos involuntários. Chernobil encheu o mundo de isótopos como iodo, plutônio, que envenenaram ainda mais o planeta.

Assim visto, o militarismo é uma parte importante dos inúmeros fenômenos que destroem o planeta Terra, gerando novos fenômenos negativos, que se estendem por áreas econômicas, políticas, culturais e jurídicas. Faz parte das dificuldades globais que vivemos e deve, portanto, ser combatido por todos os povos, vivam eles ou não em regiões onde ocorram conflitos armados.

A luta pela paz é uma antiga bandeira de luta da humanidade, mas com grande atualidade em nossos dias. Ela deve estar embutida sobretudo na educação das crianças, na luta por uma melhor qualidade de vida e na luta, em fim, pela solução pacífica dos conflitos existentes no mundo.

11 de Junho de 1992

### **Tema: Ciência e Tecnologia - Proposta das Mulheres para um Programa de Desenvolvimento Sustentável**

Coord: Both Ends, Holanda

Quando discutimos Ciência e Tecnologia devemos levar em consideração a opinião das mulheres, principalmente das agricultoras.

A questão da transferência de Ciência e Tecnologia e seus impactos sobre a vida das mulheres começa a ser bastante discutida pelo Movimento de Mulheres, sobretudo nos países do Norte.

Não podemos esquecer que, tecnologicamente falando, existem grandes dificuldades em se chegar a um consenso sobre uma série de questões que garantem nossa sobrevivência a longo prazo. Mas problemas imediatos

não podem ser deixados para amanhã. Sabemos que os homens inventaram certas coisas que vão além dos limites do normal e, saber sobreviver dentro dessa anormalidade é muito importante. Por exemplo, é preciso criar, urgentemente, processos que despoluam o ar poluído pelo setor industrial e isso exige tecnologias limpas, que atualmente são irrisórias.



Na verdade, o progresso tem ocorrido à custa da destruição do meio ambiente. O mal não é a tecnologia mas os meios que ela usa. A Mãe Terra pode dar tudo, mas ela não é infinita. As águas hoje são raras, a energia se esgota, as terras cultiváveis e os recursos naturais diminuem. E será que resolveremos essas questões tão somente com os recursos tecnológicos que possam vir do Norte? O fundamental não é o recurso que vem de fora e, sim, o conhecimento pleno do espaço em que vivemos, para tirar dele o máximo proveito em benefício da comunidade, sem massacrar o meio ambiente. Precisamos das tecnologias do Norte? Nem sempre, pois na maioria das vezes, enviam-nos sucatas ou tecnologias não adaptáveis às nossas realidades. Por isso, o importante é formar quadros que possam utilizar nossos próprios recursos.

Um liquidificador ou um forno micro-ondas podem aliviar em muito os trabalhos domésticos, mas também podem prender a mulher ao lar ou alargar seus horizontes. Ou seja, a tecnologia atinge a mulher de muitas maneiras, às vezes com grandes resultados positivos, outras, negativos. O fato é que as tecnologias fazem parte do cotidiano da mulher que deve aprender a analisá-las e não apenas louvá-las ou atacá-las. Vejamos alguns exemplos: os supermercados já possuem técnicas de checagem de mercado-



ria e preços; os escritórios têm computadores; os programas de vídeos chegam até as aldeias longínquas; nas clínicas, os médicos oferecem novas tecnologias anticonceptivas.

Resumindo, as mulheres são assaltadas, por todos os lados, pela tecnologia. Anúncios dizem: "a lavadeira elétrica é a ciência hoje". E como a mulher pode ficar indiferente aos processadores de alimentos, a um novo forno de cozinha programado, etc, que tornam sua vida e o trabalho doméstico mais fáceis? Às vezes essas tecnologias liberam a mulher para atividades diferenciadas dentro e fora do lar. Exemplo: a humilde garrafa térmica economiza o tempo da mulher chinesa que deve preparar o chá para sua família sem estar continuamente fervendo água. Porém, nem sempre essas utilidades domésticas economizam o tempo da mulher, pelo contrário, o revertem para outras atividades domésticas, otimizando o seu trabalho. Nos países desenvolvidos, onde as mulheres já possuem todas as tecnologias domésticas modernas, o tempo em vez de aparecer, some. Ex: se ela tem um aspirador de pó, a casa deve ficar mais limpa do que antes. Antigamente, as roupas eram lavadas parte, em casa, parte, fora, a exemplo das cortinas. Hoje, com a máquina de lavar, as cortinas também são lavadas em casa, ao lado das roupas normais. As bombas d'água que funcionam nas aldeias levando água para a casa facilitam o trabalho que antes era feito pelas mulheres, que transportavam a água para suas casas em garrafas e latas (por essa razão, também, hoje se desperdiça três vezes mais água do que antes).

Nem sempre a tecnologia é uma maravilha para a comunidade. Ela tem, é verdade, o potencial de afetar e transformar a vida de todos. Alguns são inventores da tecnologia e com isso inventam formas e desenvolvem a teoria. Outros são montadores especializados ou semi-especializados em por de pé as coisas criadas teoricamente. E todos são consumidores usando o produto final (bicicleta, geladeira, forno, fogão, etc).

Poucas mulheres são construtoras, mas 80% trabalham na micro eletrônica. E a maioria é consumidora, por isso, deveriam ter influência muito maior junto à tecnologia, ser ouvidas sobre elas. Mas isto não acontece. Poucas mulheres entendem de Ciência e Tecnologia, verdadeiros redutos masculinos. Sabemos que nem o menino nasce com uma espátula na mão e a nem a menina com uma agulha. É a cultura que coloca na mão



dos dois sexos esses instrumentos, predispondo-os para determinadas tarefas. As mulheres estão distanciadas da formação tecnológica que, aliás, aumenta com as especializações.

Existem três tipos de tecnologias: a básica; a sofisticada e a alta tecnologia. A básica é aquela que pode ser feita por pessoas individualmente (um forno, um pote, uma foice, uma faca, etc). A sofisticada, é a produzida nas indústrias (rádios, carros, tvs, etc). Entre a primeira e a segunda há uma diferença: na primeira, o consumidor fabrica, na segunda, recebe pronta. Já a alta tecnologia cria objetos usados por um número selecionado de pessoas (aviões, reatores nucleares, aparelhos de raio-X, etc). O envolvimento das mulheres está intacto na primeira forma, e apenas beira a segunda e a terceira.

As mulheres desejam usar as tecnologias para reduzir o seu cansaço, realizar um trabalho mais eficiente, confiável e econômico. Mas querem que elas sejam fáceis de manipular, seguras, socialmente apropriadas e culturalmente sensíveis. Além disso, enfrentam dois aspectos específicos: 1) que as novas tecnologias não as tornem mais desiguais em relação ao homem, aumentando a desigualdade entre os sexos. 2) que elevem seu "status" social na comunidade através de seu uso (ex: o automóvel).

Para que as tecnologias dêem certo, sua teoria de preparo deve observar a prática. Exemplos: que tipo de tecnologia deverá ser usada em Manilla onde as moças nos supermercados empilham bandejas manualmente? Deve cortar a fadiga, reduzir a tarefa repetitiva. As mulheres da Guiana precisam de instrumentos modernos para quebrar o côco mais rapidamente do que podem quebrá-lo manualmente, o que as possibilitará usar melhor o seu tempo para fazer outras coisas.

Às vezes, os projetistas subestimam a mulher e fazem tecnologias muito simples, que acabam sendo rejeitadas. Ex: inventaram máquinas de prensar óleo tão simples, que ocupam duas horas a mais do normal, cansando inutilmente as mulheres, o que redundou em queda da produção e pouco rendimento. Portanto, os novos equipamentos devem ser fáceis de manipular e devem considerar a prática já existente nesse campo. O Terceiro Mundo está cheio de "reliquias" vendidas, e já em desuso, porque não atendem às necessidades ou porque faltam pessoas capazes de operá-las. No Senegal,



muitos moinhos ficaram quebrados porque não havia pessoal apto a fazê-los funcionar.

O Primeiro Mundo também tem casos semelhantes. Há aviões e trens que andam tão rápido que os passageiros passam mal. As tecnologias devem ser seguras, socialmente aceitáveis e isto é difícil para o projetista de fora. Ex: o homem também pode acionar uma máquina de lavar, tanto quanto as mulheres. No

entanto, em relação às mulheres, isto não ocorre: um trator movido pelo homem ara, em pouco tempo, milhares de hectares. Mas não existem semeadoras - trabalho feito manualmente pelas mulheres, o que as deixa em posição de desigualdade com o homem. Não é a tecnologia que traz a desigualdade, mas sim o seu uso.

A tecnologia deve desenvolver nas mulheres sua auto estima, ajudá-las a ganhar mais dinheiro, e não, como acontece muitas vezes, desempregá-las ( caso lavadeira elétrica que desempregou as lavadeiras manuais). Portanto, a ligação ser humano-máquina deve ser perfeitamente estabelecida. Em suma, as tecnologias devem ajudar as mulheres a desenvolver sua produção mais rapidamente e em maior volume.

(Informe resumido do Documento "**Relatório e Avaliação - Planeta Fêmea - Fórum Global - ECO-92**" redigido e apresentado por Zuleika Alambert, no Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, em julho de 1992).



# **TRATADO DAS ONGs SOBRE POPULAÇÃO, MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO**

**Fórum Global  
Rio de Janeiro, junho/92**

## **PREÂMBULO**

\* O direito das mulheres de controlar suas escolhas de vida é a base e o fundamento de toda e qualquer ação referente a população, meio ambiente e desenvolvimento.

\* Rejeitamos e denunciemos toda e qualquer forma de controle do corpo da mulher por governos e instituições internacionais.

\* Rejeitamos e denunciemos a esterilização forçada, o uso abusivo da mulher em experiências destinadas a testar contraceptivos, e a negação do seu direito de escolha livre e consciente.

\* Reafirmamos e apoiamos a conquista pelas mulheres, metade da população mundial, de poder sobre suas escolhas de vida e seu direito a controlar sua fertilidade e a planejar suas famílias.

\* A comunidade internacional deve analisar os problemas que decorrem da relação entre população, meio ambiente e desenvolvimento dentro do marco de referências e dos limites definidos pela ética, pela democracia e pelos direitos humanos. Deve também ser reconhecido o fato de que um quarto da população mundial - predominantemente nos países mais industrializados - consome mais de 70% dos recursos da terra e é responsável pela maior parte da degradação ambiental do planeta.

## **Reivindicações e Compromissos**

\* As taxas de natalidade declinam quando a condição social, econômica e de saúde das mulheres melhora e quando aumenta o nível de vida.





Os mecanismos políticos e econômicos, em ação no interior de cada país e no quadro da atual ordem mundial, que criam e perpetuam pobreza, desigualdade e marginalização dos povos do Sul, e em cada vez maior número no Norte, devem ser transformados.

\* Militarismo, dívida externa bem como o ajuste estrutural e as políticas comerciais promovidas por grandes empresas, instituições financeiras e comerciais internacionais, como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o Gatt, degradam o meio ambiente, empobrecem a maior parte da população mundial e perpetuam a iniquidade da atual ordem internacional. Condenamos estas políticas alternativas baseadas nos princípios de justiça, equidade e sustentabilidade.

\* Testes nucleares e resíduos tóxicos envenenam o meio ambiente, ameaçam os estoques alimentares e produzem esterilidade, doenças e malformações genéticas. Reivindicamos dos riscos ambientais que privam mulheres e homens de seu direito à saúde e a filhos saudáveis.

\* Padrões de consumo e de produção no Norte e entre os privilegiados do Sul, que constituem hoje a maior ameaça à sobrevivência de vida na Terra, devem ser transformados de modo a fazer cessar o desperdício de recursos naturais e a exploração de seres humanos.

\* Condenamos e reivindicamos o término imediato das políticas e programas - de governos, instituições, organizações ou empregadores - que tentam privar as mulheres de sua liberdade de escolha ou do conhecimento e meios necessários ao pleno exercício de seus direitos reprodutivos, inclu-

sive o direito à interrupção voluntária da gravidez não desejada. Denunciamos e rejeitamos a situação de violência vivida por mulheres, objeto de discriminação de raça e de classes, bem como de formas extremas de pobreza, vítimas de coerção, esterilizações arbitrárias, remédios experimentais e falta de assistência médica adequada bem como de informação sobre riscos de saúde. Estas mulheres não dispõem de alternativas válidas.

\* Comprometemo-nos a denunciar e combater todo e qualquer programa coercitivo de controle populacional apoiado ou implementado por governos, agências financiadoras, instituições multilaterais, grandes empresas e ONGs, bem como trabalhar para a punição dos responsáveis por tais práticas.



\* Reivindicamos uma assistência à saúde reprodutiva que seja centrada na mulher, gerida e controlada pelas mulheres, e que inclua os cuidados pré e pós natais, o acesso voluntário livre e seguro à contracepção e ao aborto, informação e educação sexual para jovens de ambos os sexos, e programas que também eduquem os homens sobre métodos masculinos de contracepção e sobre suas responsabilidades como pais.

\* Reivindicamos o direito a creches, licença maternidade e paternidade e assistência aos idosos e deficientes enquanto estruturas sociais de apoio familiar.

\* Reivindicamos que a experimentação científica relativa à reprodução, particularmente nos campos da engenharia genética e da contracepção,



seja transparente e reflita as preocupações das mulheres bem como os critérios éticos inerentes à defesa da espécie humana e dos direitos humanos.

\* Reivindicamos que os governos respeitem os acordos e compromissos internacionais sobre direitos reprodutivos, e cumpram sua responsabilidade na implementação das Estratégias para o Futuro de Nairobi, do relatório da Conferência de 1984 sobre População e dos acordos



da ECO-92. Reivindicamos também a imediata e plena ratificação e implementação da Convenção das Nações Unidas sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres.

\* Reivindicamos uma ação imediata de países e da comunidade internacional em favor da prevenção comunitária da epidemia de AIDS e em apoio à pesquisa e informação para mulheres, homens e crianças sobre prevenção e tratamento da infecção por AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, com pleno respeito aos direitos humanos das pessoas afetadas.

\* Essas reivindicações são o nosso compromisso e vamos integrá-las em nossas vidas bem como nas estratégias e na prática de nossas organizações. Comprometemo-nos a lutar para que essas reivindicações sejam concretizadas a nível local, nacional e internacional. Comprometemo-nos a trabalhar juntos na implementação deste Tratado, afirmando nossa solidariedade e diversidade cultural.



# I SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO MOVIMENTO DE MULHERES DE SÃO PAULO NA ECO-92



Com o objetivo de disseminar a informação sobre a participação das mulheres de SP na ECO-92 e discutir perspectivas futuras, o CIM promoveu, em sua sede, durante todo o dia 4 de julho, esse I Seminário, onde estiveram presentes: CFSS, CECF, CEM, ECOS, Fundação Samuel, Geledés, SOF, CUT-ABC, Comissão Nacional de Mulheres da CUT, Rede Mulher, Casa Lilith, OAB, Proj. Conviver, Boths (Holanda), Clara Scharf, Heleieth Safiotti e M.Cecília Santos (Univ. Califórnia).

Os trabalhos - presididos por Rosiska Darcy de Oliveira (IDAC) e Sonia Calió (CIM), integrantes da Coalizão de Mulheres Brasileiras - iniciaram com Rosiska fazendo um "primeiro balanço" do PLANETA FEMEA (que transcrevemos no próximo artigo, na forma de entrevista) e esclarecendo que, a Comissão Organizadora do Planeta Fêmea, antes do término de sua vida jurídica, previsto para dezembro de 92, está preparando como registro do evento, uma publicação final e em vídeo.

Para além disso - atualmente, a preocupação maior da Comissão está centrada na questão dos "desdobramentos pós ECO-92" - existe a proposta de realização, em meados de dezembro, no Rio de Janeiro, de um "Seminário Nacional de Avaliação e Perspectivas do Movimento de Mulheres pós ECO-92". Esse Seminário teria alguns objetivos importantes:

\* Avaliação e perspectivas da ECO-92

\* Preparação da "Agenda 21 das Mulheres Brasileiras"

\* Criação da "Rede Nacional Mulher, Meio Ambiente e Desenvolvimento", com vistas à participação na Conferência Mundial sobre População, em 1994, e o Encontro Internacional de Balanço dos 10 anos de Nairóbi, em 1995.

Um obstáculo a superar: as pouquíssimas chances de apoio financeiro, sobretudo para as passagens, o que significa dizer que o movimento de mulheres teria que preparar sua participação com base em seus próprios recursos. (A esse respeito, a Comissão contactou a UNIFEM, que se propôs a estudar a possibilidade de apoio).





# **ROSISKA DARCY DE OLIVEIRA FAZ UM PRIMEIRO BALANÇO DO PLANETA FEMEA**

## **CIM - Como as mulheres se organizaram para participar da ECO-92?**

A convocação da ECO-92 foi sintomática de uma crise de civilização, de fim de século, tendo a presença das mulheres e do feminismo em cena política. Foi durante as reuniões preparatórias da ECO-92 que o movimento de mulheres percebeu que este seria um momento político de fundamental importância.

Precedeu a Coalizão de Mulheres Brasileiras, uma articulação internacional, o IPAC, que congregou mulheres de vários países do mundo e culminou na Conferência de Miami, em novembro de 91, com a aprovação da "Agenda 21 das Mulheres por um Planeta Saudável" - uma agenda com 10 pontos, contendo a posição e demanda das mulheres para o século XXI, em relação às questões sobre meio ambiente e desenvolvimento que seriam tratadas na Conferência Oficial. Havia, portanto, essa articulação internacional capitaneada pelas americanas.

Enquanto isso, no Brasil, as diversas ONGs do movimento de mulheres já estavam participando da Coordenação Nacional do Fórum de Ongs Brasileiras, organizador do evento paralelo ECO-92.

## **CIM - Como foi a relação da Coalizão de Mulheres Brasileiras com o Fórum Das Ongs Brasileiras?**

Muito acidentada. Não estava no horizonte de ninguém ali que tivéssemos algo de importante a dizer. Quando nos manifestamos contra o ignorar o movimento de mulheres, houve um atrito bravo e a participação na Coordenação Nacional foi exigida pelo movimento de mulheres. Ao longo das reuniões, perceberam que tínhamos uma organização e uma idéia na cabeça. Infelizmente, o Fórum não teve capacidade política para abarcar as mulheres, que explodiram para fora dele. A Coalizão de Mulheres

amadureceu e, extrapolando as funções dentro do Fórum, foi ganhando muita força com a idéia de organizar a participação específica das mulheres.

### **CIM - Voltando à organização do PLANETA FEMEA...**

Pois é. Na última Conferência Preparatória, em Nova York, início de 92, a Coalizão já tinha responsabilidade compartilhada com o IPAC para a organização específica da participação das mulheres. Inicialmente, essa responsabilidade foi vista como puramente administrativa. Na prática não foi o que ocorreu. Assumimos um papel político, pois mais do que tudo tínhamos uma idéia política: a de entrar nessa discussão, buscando não uma aceitação reduzida, no sentido de aceitar que as mulheres fossem incluídas em alguns artigos dos Tratados que seriam aprovados na ECO-92, mas incluindo as mulheres como item da Conferência. A posição da reunião do IPAC era de que as mulheres teriam que marcar uma diferença nessa Conferência, procurando uma linha de desenvolvimento de pensamento própria, não só a respeito dos seus problemas, como é de costume, mas também a respeito da Conferência. Daí resultou a proposta, feita pelas brasileiras, de que a Agenda 21 se transformasse na estrutura do PLANETA FEMEA.

### **CIM - Você poderia detalhar melhor essa proposta?**

A idéia era a de que cada dia seria tomado por um dos 10 pontos da Agenda 21, cuja organização seria entregue a uma Rede Feminista Internacional com tradição no tratamento do tema. O objetivo era fazer participar em todo o processo de construção do PLANETA FEMEA, o que de melhor o feminismo tinha dado ao longo desses anos. Essa decisão das redes assumirem os temas da Agenda 21, com plena liberdade, foi uma decisão acertada não só pelo seu caráter democrático como pela paixão que vem do envolvimento das redes nos temas escolhidos. Assim, em cada região as mulheres mobilizaram o que havia de melhor e o trouxeram para o Rio. E esse processo participativo foi um sucesso! Sem dizer que deu às brasileiras uma parceria em pé de igualdade com o IPAC. Essa nossa proposta, que deu espírito ao PLANETA FEMEA, e que consistia em fazer participar tudo o que houvesse de melhor no mundo em matéria de trabalho de mulher, fez com que tivéssemos, do ponto de vista do Fórum Global e da Conferência



Oficial, a respeitabilidade que não se ganha no grito, mas na demonstração de um trabalho preciso. Queríamos um encontro de pares, de histórias de lutas, de confrontos com outras realidades. E assim foi. Estiveram presentes as redes mais importantes e ganhamos no Fórum Global uma audiência que não nos era devida. O público foi ganho na medida em que as mulheres não estavam discutindo especificamente os seus, mas sim, o conjunto dos problemas, do seu ponto de vista. E esse ponto de vista era interessante para quem estava alheio à trajetória do movimento de mulheres. Houve uma grande circulação de idéias, provocada pelo bom nível e qualidade das discussões trazidas pelas redes.

### **CIM - E o tema que ficaria com as brasileiras?**

Nós propusemos a preparação dos temas População e Ética, pois defendíamos que esses ficassem por conta das mulheres do Sul, devido ao acúmulo que tinham. Basicamente, a idéia era de que as mulheres representassem, nesse grande debate sobre a falência civilizatória, um reservatório ético, de valores, tirando o debate do plano das questões e trazendo-o para o plano dos fins, do sentido da vida, das sociedades, das relações entre os continentes.

### **CIM - Você está falando de uma postura ética...**

É isso. As mulheres tinham muito a dizer, sobretudo do ponto de vista de uma postura ética, que foi simbolicamente marcado pela Celebração da Esperança, na Praia do Leme. A idéia não era a de fazer um Woodstock, mas abrir a Conferência dizendo: "estamos acordadas, de olho, vamos estar o tempo inteiro discutindo uma pauta que nos parece fundamental". Foi uma festa de boas vindas, um ato político, de protesto contra o estado do mundo e também um ato de esperança, de otimismo de que as coisas podem mudar e que as mulheres farão o possível para contribuir nessa mudança.

### **CIM - Como foi a negociação do Tratado sobre População?**

Foi o fato político que considero mais importante: uma negociação pública que durou 4 dias e envolveu uma camada, até então completamente

ausente e inimiga tradicional das feministas, os ambientalistas. Foi o único Tratado negociado, fisicamente, fora do Hotel Glória e isso foi exigência nossa, pois, pela importância que tinha para as mulheres, deveria ser negociado ali, até para que o Fórum Global entendesse a importância que aquilo tinha para nós. A sua assinatura foi importante. O próprio processo do "face a face de prioridades do Norte e do Sul", presente na negociação, também.

### **CIM - Que balanço você faz do PLANETA FEMEA?**

Como até hoje, o movimento de mulheres do Rio ainda não se reuniu para discutir, o balanço que farei aqui é muito pessoal: o PLANETA FEMEA, do ponto de vista político, foi um grande sucesso para a Coalizão de Mulheres Brasileiras, na medida em que respondeu exatamente à idéia de dar determinada "cara política" ao evento. Foi, sobretudo, uma vitória política do ponto de vista das mulheres em geral. A reação da imprensa mostrou a importância das mulheres como atrizes do processo político, com seu peso específico. E essa avaliação passou para a opinião pública. E isso foi um fato! Por exemplo, recebemos da Suíça, um artigo de jornal intitulado "as atribuições do Planeta Femea, mostrando que as mulheres mantiveram a palavra do "princípio ao fim".

### **CIM - E quanto à Conferência Oficial?**

Acho impossível avaliar hoje. De qualquer maneira, a pauta da ONU mudou, não é mais a mesma de antes e isso tem um peso extraordinário. Algumas das questões mais importantes das relações mais perversas foram mexidas no papel. O isolamento dos EUA, na questão do Tratado da Biodiversidade, é histórico. O pronunciamento vaiado do Bush, o discurso aplaudidíssimo do Fidel, expressaram um desejo mundial que se identificava com a fala deste, mais do que com as desculpas pírias do Bush. Ficou claro que, a longo prazo, a posição dos EUA é insustentável. Além disso, o que se destacou foi o "absurdo": dizia-se "nosso futuro comum", comum a quem, cara pálida? eu mais você não faz nós. Nesses termos, não é possível toda idéia de nosso futuro comum. É claro que a Ordem Econômica Internacional não pode continuar se mantendo como está e isso é uma mudança de pauta. Não dá para falar em medidas de preservação ambiental a longo prazo,



dentro da lógica do mercado, porque este é senhor de suas decisões, é imediatista e não se coaduna com idéias de solução a longo prazo. Além do que, o capital é solitário, não está submetido a interesses comuns. Essas impossibilidades ficaram claras na Conferência. Essas defasagens entre o discurso e a realidade também. Outra coisa que mudou na pauta foi o sistema de alianças. O próprio debate Norte-Sul mudou. Por exemplo, os países nórdicos, a Holanda, não podem ser incluídos no Norte, pois sua posição ideológica não é a mesma dos EUA. Defendem coisas diferentes. Percebeu-se também a total impossibilidade em atingir qualquer mudança no plano das pautas de Ecologia, dentro das pautas de Desenvolvimento hoje existentes. Isso é o que defendíamos desde o início: ou é Ecologia e Desenvolvimento ou não é. Não há preservação ambiental concebível no quadro das relações internacionais, tal como estão postas hoje.

São Paulo, julho de 1992



# **O ENCONTRO INTERNACIONAL DAS ONGs**

## **Fórum Global Rio de Janeiro, junho de 1992**

No Encontro Internacional de ONGs, que aconteceu como parte das atividades do Fórum Global Rio-92, participaram 3.180 pessoas, representando cerca de 1.300 entidades. Foram 15 dias onde ocorreram - no Auditório do Hotel Glória e em 8 tendas do Fórum Global, com tradução simultânea em 4 línguas - as plenárias e as reuniões de discussão dos Tratados, além das sessões de informações sobre a Conferência Oficial e sobre as reuniões entre governos e ONGs, as sessões plenárias temáticas, as reuniões diárias por região e eventos culturais, que incluía a "Choperia das ONGs" funcionando todas as noites. O núcleo central de todas as reuniões do Fórum Internacional foi o processo de Tratados.

### **OS TRATADOS DAS ONGs**

O objetivo do Fórum Internacional de ONGs era construir novos mecanismos de cooperação e articulação entre as ONGs, na busca de soluções para os problemas do Meio Ambiente e do Desenvolvimento. Este Fórum facilitou o processo em que as ONGs, com interesses similares, encontraram-se para identificar problemas e desenvolver planos de ação de superação desses problemas.

Os Tratados foram assinados por pessoas que concordaram com o Planos de Ação e, ao fazê-lo, comprometeram-se a levá-los para seus países, para a discussão e adoção em suas organizações.

Foram aprovados 36 Tratados, agrupados em quatro áreas: Cooperação; Economia; Meio Ambiente e Movimentos Sociais.

Cada Tratado contém um Plano de Ação, embora alguns deles estejam bem mais desenvolvidos do que os outros.

O processo de Tratados ainda não terminou. Para facilitar a evolução do processo de Tratados a um ponto em que ele possa se auto-organizar e



sem criar uma nova supra-organização, a direção do Grupo de Trabalho Internacional, que organizou este Fórum Internacional de ONGs, foi reconduzida pelo plenário a empreender algumas tarefas específicas:

- estimular redes regionais para realizar encontros a fim de determinar o interesse dos grupos locais para participar do processo de Tratados assim como para se tornarem responsáveis pelo processo localmente;
- determinar se, e como, as redes regionais desejam desempenhar um papel na Coordenação Internacional dos Tratados com vistas à construção de um consenso;
- identificar coordenadores regionais para cada Tratados;
- colocar um banco de dados sobre os Tratados no sistema APC de informática.

A mídia nacional e internacional - aproximadamente 1500 jornalistas - acompanhou todo esse processo, através de 2 coletivas de imprensa por dia, que apresentavam lideranças de ONGs de todo o mundo, falando sobre a Conferência Oficial e a explicitando a visão das ONGs. Foi bastante discutida a possibilidade de uma retomada, em outubro de 1992, de cobertura da mídia sobre o processo dos Tratados, a fim de informar as ONGs, em todo o mundo, sobre o andamento da questão.

Esse intenso processo de reuniões para negociação dos Tratados possibilitou o surgimento de novos laços de amizade Norte-Sul e Sul-Sul. Por um lado, forçou os participantes a reconhecerem as diferenças fundamentais nas preocupações das ONGs provenientes de áreas geográficas e enfoques de problemáticas bastante diferentes. Muitas ONGs afirmaram, publicamente, que todo esse processo havia mudado suas percepções e posições. Por outro, a negociação dos Tratados exigiu um amplo consenso sobre muitos aspectos que precisariam ser alterados. Muitos reconheceram a necessidade de articular uma Agenda das ONGs, afirmando, particularmente, as diretrizes e as implicações institucionais de maneira mais detalhada.

As ONGs brasileiras participaram dessa dupla estratégia das ONGs internacionais - exercer pressão nos governos e promover uma Cooperação Internacional - e que encontra agora, nos Tratados, sua base política.

(Extratos do "Relatório do Fórum Internacional de ONGs", julho de 1992).

# COMPROMISSO ÉTICO DAS ONGS PARA UMA ATITUDE E CONDUTA ECOLÓGICA GLOBAL

**Fórum Internacional das ONGs  
Rio de Janeiro, junho/92**

## I - PREÂMBULO

1. Diante do grito da natureza, como de milhares de crianças que morrem de fome diariamente, de milhares de animais, plantas, peixes e aves, cruelmente tratados e de florestas e povos exterminados em escala assustadora, a atual atitude daqueles que defendem o domínio técnico sobre a natureza tem sido de irresponsabilidade e arbitrariedade. Vivemos sob a hegemonia de um modelo de desenvolvimento baseado em relações econômicas que privilegiam o mercado e usam a natureza e os seres humanos como recursos e fontes de renda.

2. As ONGs de todas as nações não podem ficar insensíveis a esse grito da natureza, e não aceitam um conceito de desenvolvimento sustentável, que seja usado para simplesmente produzir tecnologias limpas, enquanto se mantém o mesmo modelo de relações sociais, injusto e excludente para a maioria das populações do planeta.

3. Buscando superar uma ética dualista que aliena o ser humano da natureza, entendendo o ser humano como parte pensante da mesma e assumindo nossa própria responsabilidade, nós, os membros de várias organizações não-governamentais de todo o mundo, presentes no Fórum Internacional das ONGs e movimentos sociais, por ocasião da UNCED-92, no Rio de Janeiro, propomos pautar nossas atitudes segundo os seguintes princípios:



## II - PRINCÍPIOS GERAIS INSPIRADORES

4. Partimos do princípio da unidade na diversidade, onde cada ser individual é parte do todo e esse todo está representado em cada uma de suas partes. Entendemos que existe uma inter-relação entre todo o existente.

Nesse sentido afirmamos:

5. Todos os seres, animados ou inanimados, possuem um valor existencial intrínseco que transcende valores utilitários, por isso, a todos deve ser garantido o direito à vida, à preservação, à proteção e à continuidade.

6. A pessoa humana tem a possibilidade de contribuir ou não no conjunto das relações naturais, por isso, tem a responsabilidade intransferível de ajudar na evolução destas relações.

7. No respeito à vida, a humanidade e cada pessoa, tem a responsabilidade e o compromisso de buscar seu próprio equilíbrio, a harmonia da família humana e a dos demais seres e ecossistemas, com solidariedade e cooperação, no respeito profundo às diferenças, excluindo todo o tipo de dominação.

8. Para um efetivo respeito, tanto da pessoa humana como de outras formas naturais de vida, é fundamental o resgate do valor essencial e incondicional da vida. Para garantir isto, devemos cultivar a honestidade, a coerência, o desprendimento e a simplicidade, superando o individualismo, o consumismo e o utilitarismo.

9. Ressaltamos que para a superação dos conflitos políticos e sociais, é imprescindível a adoção da metodologia da não-violência. Constatamos contudo, que as atitudes de denúncia se tornaram insuficientes. Por isso, é urgente a implementação das soluções ecologicamente adequadas propostas pelas ONGs.

## III - COMPROMISSOS PARA A AÇÃO

10. Exigir dos governos o respeito e o cumprimento dos tratados e convenções internacionais, especialmente:

- a) A declaração universal dos direitos fundamentais da pessoa humana.
- b) A declaração universal dos direitos dos animais.
- c) A declaração universal dos direitos da criança.
- d) A carta da Terra (carta do RIO).

11. Considerar e incentivar o respeito e a execução de todos os tratados e compromissos celebrados no Fórum Internacional das ONGs, sobre o meio-ambiente e o desenvolvimento.

12. No tocante ao desenvolvimento da biotecnologia e no intento de garantir-se um processo ético de produção, bem como um adequado uso e manejo de seus produtos, as ONGs se comprometem a exigir dos legisladores e governantes, o controle social das pesquisas, para que se garanta o estabelecimento dos limites éticos para a sua expansão e aplicação, o acesso à informação e a justa distribuição dos benefícios resultantes.

13. Trabalhar com firmeza na construção da democracia direta e participativa, no interior das ONGs e na sociedade em geral, assegurando-se a liberdade de expressão, a desconcentração de poder e dos meios que conferem poder, e a participação das minorias.

14. Contribuir com entusiasmo para a superação das barreiras artificiais, sejam políticas ou religiosas, objetivando a formação da nação humana universal. Para tanto, fica sugerido a adoção da língua internacional Esperanto como segunda língua de todos os povos, a ser difundida por todas as ONGs.

15. As ONGs se comprometem a respeitar os princípios da simplicidade e não-desperdício e, em relação às pequenas ONGs, a cooperação mútua, a fim de se estimular o fortalecimento e a eficácia das organizações como um todo.

16. As ONGs se comprometem a apoiar todo o esforço para assegurar a saúde como um direito de todos, principalmente das crianças e deficientes físicos.

Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 10 de junho de 1992.



# A PARTICIPAÇÃO DAS TRABALHADORAS RURAIS NA ECO-92

Lúcia Ribeiro

Rede Acreana de Mulheres  
e Homens

Rio Branco, julho/1992

De 3 a 8 de junho, na Casa São Bonifácio, Rio Comprido, Rio de Janeiro, 32 trabalhadoras, das regiões Norte, Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil - pequenas produtoras, cacaeiras, seringueiras, castanheiras, quebra-deiras de côco babaçu, marisqueiras e pequenas produtoras urbanas e ainda a presença de uma pequena produtora da Holanda - se reuniram para trocar experiências a respeito de organização, atuação, dificuldades, bem como delimitar encaminhamentos coletivos. Resultou dessa troca de experiência as seguintes reflexões:

## Sobre a condição de vida da trabalhadora rural

A trabalhadora rural tem tripla jornada de trabalho: executa as tarefas domésticas; trabalha na roça, nas chamadas tarefas de produção (limpa a terra, planta, colhe, extrai derivados em indústrias domésticas, coleta e quebra castanha e côco, cuida de hortas, cria aves, pomares) e no entanto, ela não é reconhecida como produtora, mas sim como "ajudante" do marido; e, por fim, exerce militância política pois geralmente participam dos Sindicatos, da Igreja, dos Partidos e dos Movimentos de Mulheres, mas nunca como direção, com exceção do último.

## INSEGURANÇA NA TERRA

A falta do título definitivo da terra e, em muitos casos, a falta da própria terra para morar e produzir, torna suas condições de vida e de toda sua família

bem mais difíceis. A ausência do título definitivo dificulta o acesso à financiamentos, gera insegurança e tem um efeito psicológico muito grande, pois não se sentem donas da terra e, portanto, não se sentem seguras para investir.

## FALTA DE INFRA ESTRUTURA

Há muito tempo o conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras vem reclamando da falta de condições para permanecer na terra: postos de saúde equipados, escolas com 2º grau, transporte, assistência técnica, financiamento, preço justo para a produção, espaço físico para comercialização dos produtos diretamente com o consumidor, açudes, estradas, água potável, luz elétrica, etc. Com relação a alfabetização dos filhos, muitos estudam até a 4ª série primária e param, ou vão estudar na cidade, separando-se dos pais e adquirindo novos valores e comportamentos urbanos que os impede de voltar para a zona rural. Sobre a produção, não há incentivo para cultivo de culturas permanentes e nem para diversificar a produção, seja por falta de financiamento, seja por falta de assistência técnica, fazendo com que os trabalhadores produzam todo ano a mesma coisa.

## DIFICULDADES COMUNS A TODAS AS TRABALHADORAS

### I - Desvalorização da Trabalhadora Rural

As trabalhadoras rurais, por mais que trabalhem, são vistas como "ajudantes" do marido. Poucos homens negociam com mulheres e, menos ainda, aceitam suas opiniões quando estão realizando um negócio. Geralmente a produção é comercializada pelo homem. Os programas governamentais objetivam atingir "o homem do campo", o "produtor rural". Algumas Agências Financiadoras querem "integrar" as mulheres ao desenvolvimento. Até há bem pouco tempo, o documento de posse da terra era concedido ao homem e, no caso da mulher ser viúva, era entregue ao filho mais velho. Os financiamentos bancários são oferecidos aos homens. Elas não são reconhecidas como produtoras e não têm valor, portanto, não lhes é dado o apoio e o incentivo necessário.



## II - DISTÂNCIA

A distância do local onde moram para a cidade é muito grande. Nas colônias e seringais da região Norte, a distância varia de horas a dias e nem sempre tem transporte.

## III - ACESSO ÀS INFORMAÇÕES

As mulheres trabalhadoras rurais são as últimas pessoas a saberem dos acontecimentos, pois pouco vêm para a cidade. A televisão e os jornais não as alcança, só o rádio que apresenta apenas uma versão dos fatos. Em relação aos métodos anticonceptivos as mulheres conhecem apenas a pílula e a esterilização. Muitas acreditam que têm que ter quantos filhos Deus permitir, e quando as crianças morrem por falta de assistência médica, o consolo é acreditar que foi vontade de Deus: "Deus deu a vida, Deus pode tirar".

## IV - ORGANIZAÇÃO

Até há bem pouco tempo, a organização na zona rural atingia somente os homens, tanto que os Sindicatos de Trabalhadores Rurais ainda são considerados, até hoje, espaços masculinos. Constata-se que com o surgimento das Oposições Sindicais, mais ou menos na década de 80, objetivando garantir a vitória das chapas de oposições, começaram a acontecer Encontro de Mulheres a lutar pelo direito à sindicalização. No momento, a organização das trabalhadoras rurais ainda é tímida, mas vem, aos poucos, afirmando e diversificando-se. Existem as Comissões de Mulheres ou Departamentos Femininos nos STRs, Grupos de Produção, Movimentos Autônomos e Centros de Mulheres, formados e dirigidos por mulheres que lutam pelo reconhecimento dos seus direitos enquanto cidadãs, na tentativa de construir uma sociedade justa e democrática, onde os direitos sejam iguais e as diferenças respeitadas.

## PRINCIPAIS PROPOSTAS

O Encontro aprovou dois documentos finais, um dirigido aos governantes e outro às organizações, contendo as seguintes reivindicações:

## AOS GOVERNANTES:

1 - Priorizar a Reforma Agrária, como essencial à conservação ambiental, contemplando a unidade familiar de produção na questão fundiária;

2 - Implementação de Projetos Governamentais que mobilizem a pequena produção, o extrativismo e a pesca artesanal, aliada a uma adequada política de preços;

3 - Efetuar linhas especiais de crédito para investimentos junto aos trabalhadores rurais: PROCERA, FNO, FNE, Crédito de MERCOSUL, e outros à nível estadual e regional. Dar especial atenção a financiamentos que contemplem a participação efetiva das mulheres, nas áreas de produção e comercialização comunitária;

4 - Viabilizar a infra estrutura adequada nas áreas de Assentamento, Reservas Extrativistas e Indígenas, de Pesca Artesanal e de Comunidades de Pequena Produção, que promovam a conservação ambiental;

5 - Investir em pesquisa agropecuária e extrativista sob os interesses da pequena produção;

6 - Facilitar as iniciativas populares na implementação de canais de comercialização direta entre trabalhadores rurais e trabalhadores urbanos;

## ÀS NOSSAS ORGANIZAÇÕES:

1 - Viabilizar assessoria jurídica que contemple a questão da mulher;

2 - Suscitar, encaminhar e apoiar propostas e projetos alternativos desenvolvidos por mulheres;

3 - Promover cursos, encontros e seminários sobre cadeias de produção e consumo, envolvendo mulheres;

4 - Viabilizar a capacitação e formação específica para que as mulheres possam executar suas propostas enquanto sujeitos;

5 - Promover pesquisas sobre consumo com objetivos de planejamento da produção, localizando as organizações de consumidores/produtores em potencial;

6 - Viabilizar a liberação de lideranças femininas para garantir a eliminação da tripla jornada de trabalho;



7 - Garantir nos projetos de produção e comercialização a participação das mulheres na coordenação de cantinas, mercados, postos de vendas e viveiros;

8 - Viabilizar convênios, lobbies e audiências com órgãos governamentais e não governamentais para a concretização de nossos projetos econômicos e organizativos;

9 - Apoiar em cada local as iniciativas de educação e saúde alternativos;

10 - Discutir com as Agências Financiadoras a viabilidade de projetos específicos para mulheres;

11 - Intensificar o processo de reconhecimento da mulher trabalhadora rural;

## IMPORTÂNCIA DA OFICINA "MULHERES EM ECONOMIAS SUSTENTÁVEIS" NO CONTEXTO DA ECO 92



O mundo está elaborando novos conceitos de Desenvolvimento e Meio Ambiente, e setores da sociedade civil organizada estão presentes, manifestando-se e colaborando. As trabalhadoras rurais também estão presentes, apresentando sua colaboração, dizendo o que querem e como querem. Sua participação é fundamental para forjar a nova sociedade, do contrário não se criará nada de novo.

Rede Acreana de Mulheres e Homens: Cx.Postal 334 - CEP 69.900 - Rio Branco - Acre - Brasil.

# ACONTECENDO NO MOVIMENTO DE MULHERES...

## O CAFÉ FEMINISTA DAS QUARTAS-FEIRAS

O CIM inaugura neste mês de agosto o CAFÉ FEMINISTA das quartas-feiras, às 18h30. Um ponto de encontro do movimento de mulheres que agora terá mais este dia e hora reservados para atividades as mais variadas. Aliás, para as mulheres interessadas em utilizar esse espaço e horário, é só telefonar e combinar com a gente.

Os primeiros encontros :

\* Dia 26 de Agosto

Azza GHANMI - bióloga e feminista da Tunísia, coordenadora do Programa de Saúde e Violência da Associação Tunisiana de Mulheres Democráticas - que fará uma breve exposição sobre o movimento feminista da região do Magreb (Argélia, Tunísia e Marrocos), contextualizando a questão da saúde e da violência dentro do panorama político, social e cultural muçulmano.

\* Dia 2 de Setembro

Lançamento do livro "A musa sem Máscara - a Mulher na Música Popular Brasileira" (Ed. Rosa dos Tempos) da feminista pernambucana Maria Áurea SANTACRUZ, e que é resultado de uma pesquisa de 10 anos, com mais de 4.000 músicas analisadas, abrangendo o período que vai de 1930 a 1988. Lançado em Recife e no Rio de Janeiro, o livro vem sendo muito bem recebido pela crítica.

Venha tomar um cafezinho, relaxar do trabalho antes de ir para casa e bater um papo sobre temas diversos do feminismo no nosso CAFÉ FEMINISTA.



## FEMINISTA AMERICANA VISITA O CIM

Esteve mais uma vez no CIM a historiadora June HAHNER, feminista americana, professora da Univ. de Alabama e autora de 2 livros sobre a mulher brasileira no séc XIX e início do século XX. Dessa vez, June encantou-se com o nosso novo espaço e com o aumento do acervo, agora mais visivelmente exposto ao público.

## ECO FEMININO NO "FALA MULHER"

O FALA MULHER, programa de rádio diário patrocinado pelo CEMINA, tem agora um espaço especial para aprofundar o tema do meio-ambiente: o **ECO FEMININO DAS MULHERES com o MEIO AMBIENTE** que vai ao ar toda 3ª feira, às 9hs, pela Rádio Guanabara, 1360Khz. O Programa comenta notícias e organiza uma série de reportagens e entrevistas abordando as discussões que interessam à mulher dentro dessa temática.

O FALA MULHER está lançando também vários programas especiais que vão ser distribuídos por emissoras de todo o Brasil. O primeiro especial - **Ecoss da Eco** - contém uma seleção de reportagens e eventos ocorridos durante o Fórum Global. Para completar a campanha, o FALA MULHER está distribuindo spots educativos de 30 segundos a ser veiculado nas rádios comerciais. A primeira série já lançada é uma alerta contra o desperdício. Se você têm acesso a um programa de rádio e quer divulgar essa campanha, contacte o CEMINA, R. Br. do Flamengo, 222/304 - Cep 2220-080 - RJ. Tel: (021) 245 7510 / 205 6297 ou Fax: (021) 556 3383.

## VÍDEOS E PUBLICAÇÕES RECENTES (disponíveis no CIM)

\* Nova Publicação: **TERRA FEMINA**. Nasceu como um projeto de "mudança de texto". Redeh e Idac reuniram-se nessa publicação convidando a que dela participassem mulheres que, no mundo inteiro, partilham o mesmo desejo de um mundo mais suave, onde soprem os Ventos do Sul, levando consigo as sementes da Criatividade Feminina plantadas no local

como Projeto Global, como Utopia que não se envergonha de sê-lo mas orgulha-se de se orientar pela bússola de valores que, em todos os tempos, garantiram, por intermédio das mulheres, a permanência do Amor como ponto de partida e chegada da trajetória humana. Esta publicação reúne textos de Carolyn MERCHANT, Corine KUMAR, Maria MIES, Teresa Santa Clara GOMES e Vandana SHIVA. Publicada em português e inglês, ela foi lançada durante a ECO-92 e pode ser obtida no Idac e na Redeh. Endereços:

REDEH - R. Br. do Flamengo, 222/304 - Cep 2220-080 - RJ. Tel: (021) 245 7510 / 205 6297 ou Fax: (021) 556 3383.

IDAC - Av. Ataulfo de Paiva, 566/305 - Cep 22440.030 - RJ. Tel e Fax: (021) 511 0142.

\* Um vídeo-resumo ("clipping") de todas as notícias veiculadas pela televisão carioca sobre a ECO-92. Divulgado pela Comissão Organizadora do PLANETA FEMEA, o vídeo tem 36 minutos de notícias sobre o Planeta Fêmea, (incluindo a Celebração da Esperança, na Praia do Leme) e 40 minutos de notícias gerais sobre a ECO-92.

\* O vídeo "Contrôle de Qualidade" (tradução em português, 7') preparado para a Conferência sobre Meio Ambiente ocorrida em Paris, em dezembro de 1991 e que fala sobre a questão dos direitos reprodutivos, denunciando a esterilização involuntária e a "descartabilidade" dos seres humanos do Terceiro Mundo, visto sob a ótica do controle demográfico.

\* O vídeo "Seguro Morreu de Velho", realizado pela Casa da Mulher do Grajaú e o Núcleo de Investigação em Saúde da Mulher do Instituto de Saúde (SP) e que enfatiza o papel da mulher na prevenção à AIDS, incorporando a essa discussão, a sexualidade feminina e a questão da contracepção.

\* Um Informativo sobre os Programas e Serviços criados para garantir os Direitos da Mulher na cidade, publicado pela CEM - COORDENADORIA ESPECIAL DA MULHER da Prefeitura Municipal de São Paulo e que informa sobre: Serviços de Combate à Violência; Serviços de Saúde da Mulher; Programas de Educação Popular da Mulher; As Leis de Defesa da Mulher. CEM: (011) 549 0055 ramal 337



\* Um Vídeo (30') e um Livro de Memória sobre o XI Encontro Nacional Feminista organizado pela COMISSÃO ORGANIZADORA do Encontro. Para adquirir este material, envie o equivalente a 20 dólares (e mais despesas de correio) para: Lenise Santa Borges, Av. T-4 nº 800/903 - Setor Bueno, Cep 74610 - Goiânia - GO, Tel: (062) 241 6285.

\* O Boletim Bimestral da REDE MULHER, ano I, nº 3, que veicula inúmeras notícias sobre a participação das mulheres no Fórum Global e divulga, na íntegra, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, aprovado na ECO-92, assim como o Plano de Ação, os Sistemas de Coordenação, Monitoramento e Avaliação, para implantação do mesmo. Rede Mulher: R. João Ramalho, 991, Cep 05008-002 - S.Paulo, Tel: (011) 262 9407, Fax: (011) 871 3457.



# INFORME SOBRE A REDE LATINOAMERICANA CONTRA A VIOLÊNCIA SEXUAL E DOMÉSTICA



Sob a coordenação da companheira Rita Andréa do CEMINA, aconteceu no CIM, dia 11 de julho de 1992, uma reunião com vistas a discutir a formação da **Rede Latinoamericana Contra a Violência Sexual e Doméstica**, que será concretizada no Encontro de Olinda, de 21 a 26 de agosto.

Estiveram presentes as seguintes entidades: CIM, União de Mulheres de São Paulo, Gledés - Instituto da Mulher Negra, SOF, Coletivo Feminista

Sexualidade e Saúde, Núcleo de Violência da USP, Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, Casa Eliane de Grammont e a Coordenadoria da Mulher do Município de São Paulo.

O Encontro de Olinda terá a participação de 70 mulheres, sendo que o Brasil contará com 10 representantes e os demais da América Latina e Caribe duas representantes cada um.

Além de considerar a formação desta Rede como uma conquista da cidadania feminina, o objetivo principal de sua formação é o de promover o reconhecimento de que a **Violência contra a Mulher é uma Violência contra os Direitos Humanos**.





Papel Reciclado

**CIM - CENTRO INFORMAÇÃO MULHER**  
Caixa Postal 11.399  
CEP 05499 São Paulo - SP  
BRASIL